



DEVOÇÃO, MEMÓRIA E FESTAS: O ROSÁRIO DOS PRETOS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

Tiago dos Santos Silva

Programa Pós Graduação em História PPGH (UNICAP)

tiagosantoss008@gmail.com

O objetivo desse artigo é entender como se dava o dia a dia de uma das Irmandades mais importante do Recife-PE no século XIX através do seu contexto de Devoção, Memória e Festas ocorridas nesse templo tão importante para as Religiões de Matrizes africanas e a cultura que se desenvolveu através dessas festas que marcaram profundamente o Rosário dos Pretos. Vale salientar que essa Irmandade mencionada nesse artigo foi fundada logo após a expulsão dos holandeses em Pernambuco fato este ocorrido no ano de 1654 do século XVII. Ainda sobre a construção desse templo foi autorizado pelo rei de Portugal D. Afonso VI onde se concretizou entre os anos de 1662-1667, onde através de irmãos africanos construíram um belo templo dedicado a Virgem do Rosário conhecida como protetora dos negros. O local onde está situada essa igreja numa posição menos privilegiada das demais igrejas recifenses do centro da cidade. Nessa perspectiva buscamos analisar como era o dia dessa irmandade através de sua Mesa Regedora que era composta por homens em manter o Rosário atuante dentro das demais irmandades do Recife. Onde através dos jornais da época podemos ter uma visão dessas Devoções, Memórias e Festas ocorridas em dias de festejos a Nossa Senhora do Rosário, onde é possível através da lei federal 10.369/03 compreender os estudos desse artigo.

Palavras-chave: Festas; Rosário; Memória.

A finalidade desse artigo é propor entendermos como seu deu o processo do Rosário dos Pretos no Recife tendo em vista que existem diversas produções sobre a Irmandade do Rosário no Bairro de Santo Antônio. Aqui buscaremos compreender o contexto dessas devoções e das festividades no século XIX. Entender o processo de escravidão na América Portuguesa é fundamental entender os caminhos percorridos pelos escravizados recém-chegados da Costa africana o papel do homem de cor introduzido o processo de colonização pelo comércio que gerou riqueza e lucro. Pois muitos comerciantes de escravizados enriqueceram com essas rotas entre o continente africano e o Novo Mundo aqui na América mais precisamente o Brasil. Compreender o contexto social do Recife naquele momento é fundamental termos uma compreensão da sociedade onde estava inserida essa irmandade do Rosário. Objetivo aqui são termos outro olhar para esses momentos de diversões entre essa confraria que desempenhou um importante papel na sociedade recifense não apenas está como uma simples irmandade de homens e mulheres de cor principalmente africanizados oriundos de África. Perceber que através dessa introdução na sociedade brasileira os escravizados foram muito além do que os senhores de engenhos ou comerciantes imaginavam, a retirada forçada de seus locais de origens vai proporcionar a chegada de elementos que talvez não tivessem no dia a dia da então vida cotidiana desse povo. Por outro lado, vamos analisar que a construção de um local para devoção a virgem do Rosário vai ser fundamental para o crescimento dessa irmandade que até então tinha em outras igrejas capelas de seus santos devotos e isso era normal acontecer, pois nem todas tinham o poder aquisitivo de construir belos templos e fazer o douramento de seus altares e trabalharem para deixar um belo templo todo pronto. Sabemos que todo esse esforço veio através de luta desses homens e mulheres que fizeram história urbana no Recife nos Oitocentos. Então nesse processo a referida irmandade foi criada logo após a expulsão dos holandeses em Pernambuco algo que ocorreu no século de XVII mais precisamente por volta do ano de 1654. Para a construção do templo foi autorizado através do Rei português D. Afonso VI reinava em Portugal, entre os anos de 1662-1667 foi erguido um belo templo dedicado a Virgem do Rosário no bairro de Santo Antônio do Recife- PE. Nesse local onde podemos conhecer essa trajetória de Homens e Mulheres africanos que fizeram desse local Devoção aos seus santos católicos principalmente aqueles que eram estava no altar principal Nossa Senhora do Rosário ainda segundo essas devoções aos Santos Negros diz “As irmandades eram associações religiosas que permitiam aos negros se reunir de modo relativamente autônomo em torno da devoção a um santo católico”

(Viana, 2012.p, 46). Nessa fala da historiadora percebemos a importância que tinham essas devoções para o próprio povo negro em ter sua liberdade em poder cultivar nesse momento algo que lhe permitisse, pois sabemos o quanto era tão difícil à vida de quem era escravizado acreditamos que fosse algo bom para essas associações.

“Espalhadas por diversas áreas do Brasil escravista desde século XVII, as irmandades eram locais em que se criavam laços de solidariedade e ajuda mútua entre seus integrantes” (VIANA, 2012.p, 46). Percebesse que esses laços entre as irmandades vão muito importantes para ela possa garantir ajuda tais liberdade era necessário entender esse contexto tão importante também à história do Recife nesses momentos de festa. É necessário pensarmos como dialogar nesses espaços urbanos de controle social que havia entre os pretos do Rosário, abro espaço para explicar esse termo citado “preto” são referências que encontramos muitas vezes em diversos jornais da época que retratavam as festas dessa irmandade ao longo de sua história e trajetória.

Se por um lado houve esses momentos de festas, devoções e controle social havia também as memórias muitas vezes da saída de seu país de origem e os costumes deixados para traz e viver em outro local tão distante como o Brasil, essa chegada de africanos para o Recife também vai mudara vida social das pessoas que habitam a região. Se pensarmos pela grande quantidade de escravizados que existiam nesses espaços, entre ruas, becos e vielas, precisamos compreender contextos sociais presentes na própria história do Recife.

Primeiro passo buscar analisar será que todos os escravizados introduzidos no Recife do Século XIX eram o mesmo que foi trazido para a Salvador? Ou pra outras províncias do país acredito que não, tínhamos uma grande diversidade de línguas espalhadas nessas províncias brasileiras, ou seja, nem todos escravizados introduzido nesses locais eram da mesma região da costa africana.

Cada qual com cultura diferente e é esse contexto de mudanças que vamos perceber os devotos de N.S. do Rosário dos Homens Pretos no Recife. Embora que tenhamos a primeira igreja de Devoção a N.S do Rosário dos Homens Pretos em Olinda sendo assim considerada primeira por uma irmandade negra no Brasil de origem remota ao século XVII. Aqui observamos em Olinda uma história de 400 anos introduzida pelos irmãos africanizados e as festas que eram realizadas ao redor do templo devoção aos seus santos negros que origem africana e a eleição de um rei e rainha do Congo no dia da festa de N.S do Rosário. “Nenhuma festa se realizava sem a intervenção dos elementos de uma organização cômica, como, por exemplo, a eleição de rainhas e reis

“para rir” para o período da festividade (BAKTHIN, 1987, p.04)”. Essas festas citadas como eleição dos reis do Congo eram fundamentais para essas irmandades católicas negras reafirmarem seus compromissos se tratando em um tempo que pouco era permitido a entrada de negros em espaços considerados de pessoas da elite branca o escravizado tinha que estar no seu local sendo assim condições que foram estabelecidas no processo de escravização.

Por outro lado, é interessante analisarmos as questões de culturais que esses escravizados trouxeram para a América Portuguesa acreditamos em grupos distintos e diferentes da costa africana vão deixar marcas na história local do Recife através desses contextos festivos presente na cidade. É bom compreender que a primeira irmandade de Homens Pretos dedicados a N.S do Rosário dos Homens Pretos está presente na cidade Olinda com mais de 400 anos de história sendo assim a primeira Confraria por Homens negros do Brasil, salientando que nesses locais podemos perceber elementos afros brasileiros presente em sua construção.

Figura 01 – Detalhes do Lavabo da Sacristia de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Olinda.



Fonte: Instagram - Arte sacra pernambucana

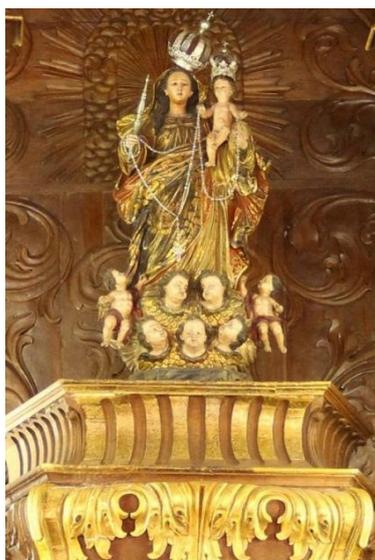
Observamos os detalhes desse lavado presente na Igreja de N.S do Rosário dos Homens Pretos de Olinda, chama atenção os elementos africanos presentes em sua construção o que diferencia de outras igrejas e irmandades religiosas. A cada chegada de escravizados observamos a diferença étnica de cada um deles vieram grupos de angolanos, congolese, bantos, moçambicanos entre outras características presentes no processo de introdução dessas pessoas sejam nas grandes fazendas de café como também nos centros urbanos de cada província, principalmente nesses espaços como citados no Recife. É interessante que possamos ter essa noção desses de festa e como se

dava esses festejos? Será que em todos locais se festejava apenas N.S do Rosário? Ou tinha outros santos de devoção de negra católica? Percebemos que havia outros santos negros que também faziam parte da liturgia é fundamental para essas irmandades, confrarias ou associações espaços em que pudessem cultivar festejar, dançar etc.

Até porque em algumas leituras realizadas vimos que esses espaços eram locais de faziam muito barulhos se tratando em dias de festas de N.S do Rosário, pois havia também coroações do rei e rainha do Congo, ou seja, eram eleitos para esse momento festivos como foi citado acima por Bakhtin.

E é nessas ocasiões que entendemos a importância da figura do rei do Congo nas festas do Rosário, principalmente quando muitos eleitos eram escravizados ou libertos. Algo que foi trazido pelos africanos que praticavam em seus países antes de deixarem o seu local de origem quando foram capturados pelos comerciantes de escravizados. Estabelecer hierarquias havia também isso entre as irmandades do Rosário membros que tinham cargo alto dentro dessas associações, entendesse que não era algo solto sem que pudesse fazer o que quisesse, de forma nenhuma tinha sua mesa regedora e quem fazia parte desse local compreender é muito importante para entendemos o dia a dia da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos dessa parte do Recife. Esses espaços públicos da cidade mesmo que não tivesse numa posição privilegiada como as demais igrejas do Recife, o Rosário dos Homens Pretos tiveram sua contribuição na história local e no calendário de festas da cidade buscando por meios desses momentos festivos reafirmarem seu compromisso com a própria irmandade e ajudar seus irmãos cativos através das esmolas, compras de alforrias, missas e funerais além de outras finalidades presentes na festa. O que pretendemos aqui é perceber as características culturais do escravizados do Recife na primeira metade do século XIX, e se tratando de Devoção chamamos a atenção para as festividades do Rosário dos Homens Pretos ocorridas no bairro de Santo Antônio por uma irmandade formada de africanos.

Figura 02 - Imagem da padroeira, Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: <https://sanctuararia.art/2014/12/18/igreja-de-nossa-senhora-do-rosario-dos-pretos-recife/>

No contexto de devoção temos acima a imagem de N. S do Rosário dos Homens Pretos conhecida popularmente em outros tempos como padroeira do escravizados. É interessante perceber essa ligação de santos negros dentro do Catolicismo através dessa imagem podemos compreender o quanto era venerada a Virgem do Rosário nesses espaços. A devoção a N.S. do Rosário tem uma importância significativa na história do Brasil especialmente entre as comunidades afrodescendentes. Simbolizando a fé e resistência e identidades dessas comunidades ao longo do período da escravidão e mesmo assim após a abolição, ainda é no Brasil em outras regiões do país a Devoção a N.S do Rosário principalmente em cidades pequenas ainda as irmandades mantêm seus ritos afros brasileiros e suas festas no anual ao Rosário dos Pretos. Exemplo por mencionar o estado vizinho da Bahia, na cidade Salvador no Pelourinho a Igreja do Rosário dos Homens Pretos com sua irmandade abrigando naqueles espaços cultos diversos elementos afros católicos e atuantes dentro das questões religiosas voltada para seus santos negros, devocionais, missas e festas.

Como essas irmandades religiosas chegaram ao século XXI resistindo há esses locais de urbanos oriundos de homens e mulheres escravizados no contexto histórico brasileiro de associações e confrarias do Rosário, sua relação com as demais questões culturais de um local para outro podemos ter contextos diversos diferentes formas de ações protagonizadas por essas irmandades religiosas sabemos da importância que cada uma delas desempenhou ao longo de sua história para reafirmar seu compromisso.

A memória sempre se fez presente no dia a dia das irmandades, associações e confrarias religiosas no Rosário dos Pretos compreenderam que para está nas condições que foram impostas no período escravista entendesse que necessário ter locais para poder cultuar seus santos negros, tendo em vista que muitas vezes algumas irmandades dividiam suas capelas com outras irmandades da mesma devoção e isso gerava conflitos internos e confusões entre seus membros. Então nesses espaços de memória dos Rosário dos Pretos no bairro de Santo Antônio podemos analisar a própria construção da igreja autorizada pelo rei de Portugal Dom Afonso VI que autorizou a irmandade entre os anos de 1662-1667 no século XVII onde os escravizados podiam fazer seus cultos e festejar sua padroeira.

Figura 03 - Igreja N.S do Rosário dos Homens Pretos do Recife-PE



Fonte:

<https://catero.org.br/2-altares-da-fe/3-3-regiao-nordeste-br/recifepe-igreja-de-nossa-senhora-do-rosario-dos-pretos>

Analisando o contexto de memória do Rosário dos Pretos observamos a fachada principal de sua igreja em estilo Barroco um dos belos exemplos brasileiros é nesse local que buscamos entender suas devoções, memória e festas no Recife do século XIX. Sendo não podemos deixar de analisar cada contexto presente nesses espaços urbanos na capital pernambucana. A partir de finais do século XVIII e início do XIX, não podemos afirmar precisamente a preponderância de qualquer grupo étnico no reinado (neste período as “hierarquias do Rei do Congo” foram proibidas oficialmente pelas autoridades públicas e retiradas dos compromissos confraternais). Apesar disto, o costume permaneceu vivo nas ruas do Recife e no cotidiano da Irmandade do Rosário. (MAC CORD, 2003, p. 54). São visíveis que essas irmandades enfrentaram diversos momentos difíceis e mesmo assim diante de tais proibições permaneceram fazendo com

que seu empenho fosse levado diante como foi citado acima pelo autor. Proibições nesses momentos vão ter diversas principalmente nos jornais encontramos as informações sobre essa irmandade.

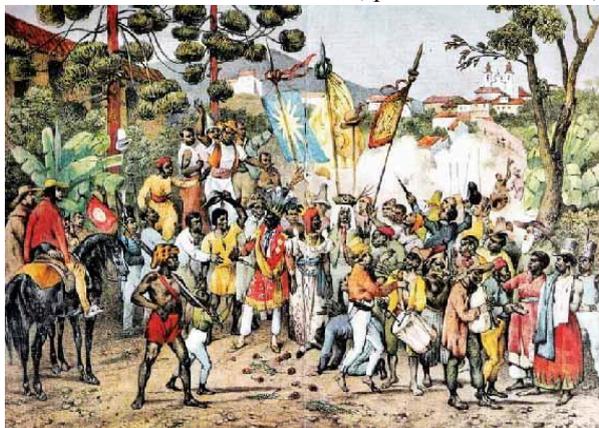
Na verdade, incomodavam pelo simples de terem suas práticas de sociabilidades e solidariedade reiterando na busca pela autonomia dentro de uma sociedade escravista. Não era fácil ser negros e pertencer a uma irmandade que tinha por objetivos e compromissos em manter suas tradições de suas terras de origem.

Indo para o momento das festas dedicadas a N.S do Rosário vamos entender que também nesse período do século a importância para essas confrarias e irmandade realizar as coroações do Rei do Congo algo tão presente seja nos espaços urbanos ou nos espaços rurais onde tinham capelas ou igrejas presentes. As festas são um momento especial no cotidiano, trazem múltiplas possibilidades para os festeiros (SANTOS, 2018, P.143). E porque não pensar nesses espaços como uma sociabilidade entre quem frequentava a freguesia de Santo Antônio percebendo a presença de diversos escravizados vindo da costa africana como foi mencionado aqui nesse artigo e essas possibilidades estariam atreladas as danças, ritmos, comidas e bebidas, eleições para REI DO CONGO, artificios e outros aspectos que legitimaram a festa de N. S do Rosário dos Homens Pretos.

Outro ponto importante é que no Brasil Império, como em qualquer outra sociedade, havia inúmeras motivações para as festas e conseqüentemente vários tipos de festejos (SANTOS, 2011, p.22). Enfatizar que essas possibilidades podiam trazer um pouco de alívio para quem participava do dia a dia da irmandade não era algo isolado apenas para a chegada da festa de sua padroeira era uma forma marcar como pessoas escravizadas nas condições do cativo, além da árdua vida que muitos viviam. As identidades étnicas foram sendo manipulada de acordo com as necessidades, limites sociais, sensibilidade para recebê-las e expectativas dos atores, sendo tão problemática a sua análise como a de qualquer outro aspecto da história social. (MAC CORD, 2003, P. 57). Outro fato que chama atenção foi à publicação no periódico O AMIGO DO POVO em sua edição de nº 69 do ano de 1830 através de um leitor sobre as Festanças ocorridas no dia 7 do corrente se referindo aos Sete de Setembro daquele ano sobre procissão dos carros, digno de crônicas, porém se admirou ao vê os sinos badalarem após a saída da procissão e pensou consigo se o bispo não compareceu e o senhor presidente não se faz presente então qual o motivo dos repiques dos sinos.

Então foi caminhando movido pela curiosidade ouviu também o sino badalar na Igreja do Rosário entrou pela sacristia, e perguntando a causa de tanta festança de badalo, e lhe respondendo que aqueles repiques do Carmo e estes são para a PESSOA do senhor Vicente, e que Vicente? É indagado o sacristão, Camargo ou Peixoto? E tem o badalo com este dois senhores, nada com Vicente Camargo e com o Peixoto que nós não sabemos quando tomara posse da administração das capelas vista, que já é universal dos Hospitais, Expostos, Lázaros, Caridade, Nascidos e por nascer. E continuou o sacristão como conhecemos o jeito, zelo, a caridade e a religião do mesmo senhor todos os dias o esperamos metido nas capelas e administrador das Irmandades. Fazer festa ainda ao Diabo continuou o sacristão nunca se perde, pois não sabemos quando lhe cairemos nas unhas: Adeus vou ajudar na missa, esses repicarem de sinos provavelmente traria ajuda a quem precisasse se tratando as esmolos que eram entregues. E o Senhor Vicente Peixoto eram um homem muito bem descrito acima pelo sacristão e o leitor que não perdeu nada em ir adiante da procissão para que não pudesse ver o preso chorar de fome. Outra prática festiva que envolvia cortejos pelas ruas da cidade eram as esmolos para os presos pobres (SANTOS, 2018, p.135).

Figura 04 - “Festa da Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos Pretos, Minas Gerais.”



Fonte: Ilustração de Johann Moritz Rugendas, 1835.

Através figura de Rugendas nos permite analisar como eram essas Festas de Nossa Senhora do Rosário olhando imaginamos como alegria, divertimentos, socialização entre diversas pessoas que faziam parte desses momentos de confraternização entre os Pretos do Rosário. Chamamos aqui atenção para observa que também havia o controle em manter a ordem nesses locais observa duas pessoas a cavalo que acompanhava a festa era uma forma de evitar fugas dos cativos. As festas

eram grandes possibilidades para isso por outro lado, eram espaços importantes para a diversão do início do século XIX (SANTOS, 2018, p.143).

Compreende-se que essas festas seriam locais de muitas diversões e possibilidades sociais que permite dialogar com o Recife oitocentista pensando de como seriam o dia para que acontecesse a festa, pois sabemos que algo deveria ser planejado como vimos acima. Isso gerava uma identidade étnica e Cultural que foram sendo colocado no calendário festivo das festas urbanas do Recife.

As identidades de cada grupo que fazia parte dos festejos Rosário são muito importantes para soberania do reinado do Rei do Congo no Recife. Para entender melhor como se dava a preparação para as festas o DIÁRIO DE PERNAMBUCO em sua Edição 000216 no ano de 1836 publicou a seguinte matéria: A Mesa atual da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos do bairro de Santo Antônio do Recife a disto irmão desta confraria que em consequência d roubo perpetrado no consistório á 11 de setembro de 1836 pelos crioulos Manuel da Paixão de Carvalho e João Paes Barreto, capatazes Sociedade politica que foi criada em outros tempos e por cujo crime se acham pronunciados, ficou a irmandade neste roubo sem dois livros de Matrículas dos irmãos, o compromisso velho, um livro de Termos modernos, outro dos antigos de antigos, dois de Eleições, um do Patrimônio, o livro de Nações, o de Receita e despesa, dois Rosários de ouro, oito verônicas de pratas, sendo uma grande com a imagem de ouro, doze dos irmãos um livro do Inventário antigo, outro moderno um dos forros, outro de preces e entregas e o selo de prata da Confraria.

E por tanto é necessário é que todos os irmãos na próxima Festividade de N.S compareçam com seus cadernos, para que hajam de novo escriturados e rubricados, a vida dos livros saqueados. E preza que esse sacrilégio roubo sirva de exemplo à confraria para que jamais consentir no templo semelhante. Que observamos nessa publicação no Diário de Pernambuco naquele ano de 1836 grandes prejuízos a irmandade que perdeu diversos livros de valor histórico para o Rosário dos Homens Pretos nesses roubos vimos a quantidade de percas e informações que continham esses livros que foram furtados de dentro da igreja. Provavelmente essas pessoas tinham acessos onde estavam esses livros e alguns com valor muito importante para Confraria. Outro fato que chama atenção presentes nos jornais e periódicos são como eram organizadas as festas do Rosário em outra informação que encontramos a respeito do Rei de Congo sua nomeação através do chefe de polícia do Recife. O Periódico A UNIÃO: Virtus Unita Crescil no ano de 1848 em sua edição 00017 fez a seguinte

publicação: Viva o Rei de Congo! O Sr. Antônio Henrique de Miranda, chefe de polícia nesta cidade do Recife de Pernambuco houve por bem confirmar a nomeação do Rei de Congo, feita pelos pretos desta cidade. Para que ninguém se chame á ignorância transcrevemos essa régia nomeação publicada na folha oficial; e deslumbrados admiramos esse pendor, que o Sr. Miranda se arroga de fazer Reis. Não enxergamos, porém, como querem alguns, no exercício dessa soberania das soberanias o desejo maligno de ridicularizar a Monarquia: desejaríamos que o Sr. Miranda se não servisse de fórmula hei por bem de que os Monarcas especialmente usam e que sempre lhes foi própria, e exclusiva deles e máximo com o H capital ou maiúsculo. Enfim louvores ao Sr. Miranda que houve por bem nomear o Rei de Congo! Eis a regia nomeação:

O Dr. Antônio Henriques de Miranda, juiz de direito chefe de polícia nessa cidade do Recife de Pernambuco por S.M. I e C o senhor Pedro II QUE Deus guarde ec. Faço saber que tendo-me requerido o preto liberto Antônio d' Oliveira a confirmação da nomeação que tivera para Rei de Congo dos pretos dessa cidade, e havendo provado como o termo da dita nomeação ser verdade o expendido com sua petição depois de haver obtido as informações necessária a respeito de sua conduta: Hei por bem confirmar a indicada nomeação, segundo o antigo costume desta cidade, ficando o referido rei de Congo obrigado a inspecionar, e manter a ordem e subordinação entre os pretos que lhe forem sujeitos pelo que lhe mandei passar o presente título, para poder exercer o lugar para que foi nomeado. Dada e passada nesta secretaria da policia de Pernambuco aos 14 dias do mês de setembro de 1848. Eu Aprígio José da Silva, 1º Amanaense da Secretaria de policia o escrevi, Antônio Henriques de Miranda.

O que chama atenção nessa publicação desse periódico foi a nomeação do Rei de Congo pelo então chefe de Policia do Recife, pois havendo feito diz que o preto liberto ficaria responsável em manter ordem é nesses locais de festas que vamos entendendo o dia da irmandade e confraria do Rosário dos Homens Pretos do Recife através de uma nomeação quantos formas podemos perceber de controle social através das autoridades locais presentes que entendem esses momentos seriam de grandes barulhos festejando sua padroeira, suas devoções aos seus santos negros, devoções e memórias possíveis de quem seria possível viver um pouco de alegria em uma sociedade escravista como era o Brasil, não apenas no século XIX, mas em toda sua história e trajetória no período de escravização na América Portuguesa.

Vimos a importância de todos os passos dando através dos Irmãos do Rosário em manter viva uma fé em algo que trouxeram enfrentando desafios de longas viagens pelo

oceano Atlântico e fazer nesse local do bairro de Santo Antônio no Recife resistência no legado de seus antepassados oriundos de diversos países da costa africana. Percebemos nesses espaços de Devoções, Memórias e Festas quantas riquezas culturais foram realizadas por essa confraria de homens e mulheres que se dedicaram sua a vida ao Rosário de Nossa Senhora como protetora do escravizados.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira**, Brasília, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017.

BAKTHIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento o contexto de François Rabelais**. EDITORA HUCITEC Editora Universidade Brasília São Paulo. 1987

MAC CORD, Marcelo. **Identidades Étnicas, Irmandades do Rosário e Rei do Congo: Sociabilidades cotidianas recifenses- século XIX**. *CAMPOS-Revista de Antropologia Social* 4 (2003).

SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. **Das festas aos botequins: organização e controle dos divertimentos no Recife (1822 – 1850)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. **Luminárias, músicas e sentimentos patrióticos: Festas e política no Recife (1817-1848)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, 2018.

VIANA, Larissa Moreira. **As festas Negras** (p. 48, 49), In: ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe. (org.). **O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

Hemeroteca Digital: Diário de Pernambuco (PE) ano 1836 / Edição 00216
A União: Virtus Unita Crescit (PE) ano 1848 / Edição 00017